OBRA DE CULTURA

«Resta saber se vamos sós, se o mundo nos segue, se o pensamento poderá jámais arrastar a natureza;—contudo, avançamos sempre. Estamos como sobre o Leviathan do qual uma onda arrancou o leme e uma rajada de vento quebrou o mastro. Estava perdido no oceano como a nossa terra no espaço. Foi assim ao acaso, impellido pela tempestade, como uma grande jangada conduzindo homens; todavia, chegou. Talvez a nossa terra, talvez a humanidade cheguem também a um fim ignorado que elas para si mesmas criaram. Nenhuma mão nos guia e nenhum olho vê por nós; o leme está quebrado há muito tempo, ou antes, nunca existiu, está por fazer: é uma grande obra, é a nossa obra.»

GUYAU

por J. Soares Lopes

PARA exaltar com calorosas palavras a grandiosidade da obra a realizar—êste empenho magnânimo duma geração que manterá inflamado e ardente um idealismo activo, positivo, prático, por isso construtivo!—são necessárias definições pormenorizadas, pontos de vista esclarecidos, que dêem na sua totalidade o sentido e as proporções desse leme quebrado, que nunca existiu—está por fazer e é a nossa obra. E', certamente, preciso que digámos e compreendámos, nesse otimismo encantador de Guyau, que podemos encontrar na existência a segurança, a certeza, a fé de que trabalhando, persistindo, daremos forma segura ao leme que arrostará as ondas e levará o barco soberanamente conduzido ao mundo da inteligência satisfeita e da harmonia realizada. Estamos, certamente, no pensamento de Guyau, sobre o mar encapelado e bravio e é frágil a pequenez da nossa embarcação. Vogamos ao acaso dos ventos e ao sabor das marés. Mas atingiremos o porto de abrigo, onde a paz e a calma nos acolherão, boas e maternais. Neste mal revolto de ondas medonhas e alterosas, é triunfo grande da Inteligência humana haver-se compreendido que há um leme a construir e que poderemos, então, atingir a glória dum fim ignorado. Esse fim será tão alucinante e sedutor quanto resistente e conformado seja o leme construído.

Não devem falecer-nos entusiasmos, nem deixar que se quebrem as nossas energias. Há, possivelmente, cepticismos engenhosos, filhos de visões profundas, mas toldadas por névoas que enganam, demarcado sombreadas. Mas, ao lado dos cepticismos abúlicos, ao lado das desesperadas ideias de que nada se constrói através da estultícia, da cegueira e da confusão caótica, deve colocar-se como humilde candéla que ilumina e na sua luz é uma verdade a certeza de que o trabalho sereno, reflectido, persistente, crítico, pode dar ao homem outra concepção da sua existência e as linhas gerais dum outro viver, liberto de paixões que os desvairem e de enganos que o confundam e o amargurem em lutas.

Uma vez mais—porque não repetir a velha sentença do velho Sócrates: conhece-te a ti próprio? Isto é: estuda-te, dissecate, desce ao profundo dos teus abismos, vai robustecer-te na análise do teu pessoal espectáculo, por que aí encontrarás as verdades todas que te satisfirão e a linha de conduta a adoptar para com os outros. A salvação dos homens dar-se-á através duma crise de egoísmo valoroso: cada qual olhará para si e, como no mais fiel dos espelhos, verá ou adivinhará a existência respeitável dos outros seres. E a nossa obra é também levar a que todos possámos contemplar a nossa figura torturada ao espelho—a fim de compreender-se e sentir-se quanto é necessária a dedicação e quanto urgente é o trabalho de cultura, pois leme e espelho e outros simbolismos incolores indicam só que abrir os olhos dos homens sobre o panorama das verdades que se respel-

tam e conciliam é labor meritório e honrado que não deve de forma alguma desprezar-se.

Definir o que seja cultura não é, por certo, coisa simples. Quando se define—na observação sagaz dum pensador—limitam-se os dados do problema e se a definição aparece vem à medida do arguto homem que a definiu. Império certo do subjectivo, isto não quer dizer que, precisamente, o valor não resida na afirmativa duma marcha tenaz sempre para o mais objectivo. Se na tentativa que faço para definir agora o que seja cultura não atinjo a serenidade da exposição objectiva, releve-se-me que partam de certas condições subjectivas as palavras que se apresentam como lema de elevados esforços e tentativas louváveis que realizadas e a realizar são dignas das gerações novas que, ora, se apresentam na vida militante.

Mas para dizer o que seja cultura tenho de começar por negativas, por principiar a dizer aquillo que ela não é. Torna-se mais fácil destruir conceitos, que construí-los. Cultura não compreende visões particularistas da existência; sobe, porque a sua tendência é subir, e do alto de colinas contempla socegada e calma o espectáculo geral, num tenaz esforço para apreender tudo. Não há cultura alemã, eslava, saxónia, indiana; haverá êsses matizes, essas diferenças, nas místicas, nas variadas metafísicas, nas artes e nas políticas. Mas em cultura não existe, porque, mais uma tendência, mais uma energia do que qualquer outra coisa, ela é uma sucessiva e gradual elevação daquillo que nos opprime, tirânico, nos subjugando ao meio, nos molda à sua feição e afirma a excelência do espírito crítico que se independiza, se liberta em vitórias constantes e é harmonioso porque encontrou vias de serenidade. Uma sociabilidade bem fundamentada encontra na cultura o seu apoio mais firme, pois que sendo esta construção do espírito crítico é, por sua vez, e ao impulso do mesmo fluxo, dotada de crenças não rígidas e dogmáticas, de princípios de respeito e fraternal acôrdo, de compreensão de todas as verdades que dispostas estejam a render-se homenagem.

Cultura, não é a acumulação de erudições ócas e pretenciosas, de sabedorias antigas e pequeninas, mas um ideal de escultor que, ao manejar o cinzel, deseja e ardentemente quer plasmar a sua ideia de beleza sob os golpes de suas mãos artistas. Cultura não é segura não é um abarrotar de armazéns mentais, com fichas rigorosamente arquivadas e com as páginas do Larousse marcadas para a ocasião própria. E' a ânsia de conhecimento, sim, mas que nos molda, nos fornece as margens calmas e socegadas duma ética que nos construa, duma responsabilidade que nos defina, duma vontade que nos faça homens da época, vivendo a vida da época.

Cultura é o saber que nos faz, que nos liberta das cegueiras e nos dá serenidade desapaixonada e crítica. Obra a realizar—nela está o firme leme que Guyau entende necessário construir.